

PAPEL DA AULA

ANTONIO DIMAS

Universidade de São Paulo

Em julho de 1945, Antonio Candido apresentou-se diante de banca classuda na USP. Seu objetivo maior, confessa-o em *Recortes*, era o de *obter o título de livre-docente, caso fosse aprovado*, uma regalia que a legislação do momento facultava. Movia-o não o título em si, mas a possibilidade de conquistar um *passaporte eventual para as Letras*, uma vez que, naquele momento, seu magistério era o da Sociologia.¹

Mais animado com o passaporte que com a conquista da cadeira de Literatura Brasileira da USP, o jovem AC, no *rompante de seus 26 anos*, resolveu *correr o páreo* e preparou-se, ainda que, de antemão, admitisse alguns problemas como *a escolha do assunto para a tese*.

Rompante à parte, AC protegeu-se, porque a banca era sisuda, cinquentona e já ocupava, tinha ocupado ou viria a ocupar postos importantes na administração pública e privada deste país. Quatro membros dessa banca eram nascidos na década de 90 do século anterior: Leo Vaz, Guilherme de Almeida, Jorge Americano e Gabriel Resende. O delfim do grupo era Afonso Arinos de Melo Franco, nascido em 1905. Quase todos já eram experimentados professores de curso superior, devidamente togados e ungidos para aquela cerimônia pública. De um lado, essa corte vetusta; de outro, candidatos de envergadura, disputando espaço acadêmico sob a mira de instituições conservadoras, como a Igreja, por exemplo. Em momento carregado de cisões ideológicas profundas e belicosas, resguardavam-se todos os lados, incluindo-se neles os outros quatro candidatos, além de AC, classificado em primeiro lugar, mas que não levou. Logo depois do primeiro

¹ Antonio Candido. “Mário e o concurso”, in *Recortes*. São Paulo, Companhia das Letras, 1993, pp. 241-244.

classificado, vieram Mário Pereira de Souza Lima, Oswald de Andrade, Jamil Almansur Haddad, Antonio Sales Campos e Manoel Cerqueira Leite.

Não obstante a seriedade do concurso, dele saiu de mau jeito o poeta Guilherme de Almeida, segundo o depoimento de Afonso Arinos em suas memórias. Ao lembrar o processo de votação e de desempate final, o memorialista de *A alma do tempo* comenta:

O mais engraçado foi que, no debate conclusivo, eu lembrei a Guilherme que ele, logicamente, não podia desempatar em favor de Oswald, porque este não teria nenhuma chance. O grande poeta, porém, com o seu quê de menino que nunca o abandona, deu-me uma resposta desconcertante: “Voto no Oswald porque ele é meu amigo e porque não gostei de um artigo de Antonio Candido a meu respeito...”

Calei-me. Era, sem dúvida, uma razão de poeta. Mas não me parecia que servisse para o examinador.²

Feridas de lado, o que se extrai desta situação acadêmica é o método pedagógico incansável de alguém que se recusou a participar deste concurso, sob a alegação de que padecia de autodidatismo. Porque foi por trás deste argumento que Mário de Andrade se escudou para se esquivar do certame, mesmo depois de convidado pelo diretor da então Faculdade de Filosofia da USP, segundo ainda AC.

A ausência do autor de *Macunaíma*, no entanto, foi apenas física. Pressionado pelo tempo curto e pela indecisão temática, AC apelou para Mário, aquele mesmo Mário que, em inúmeras oportunidades, tinha dado exemplos mais que abundantes de generosidade didática, através de fartíssima correspondência, hoje processada e depositada no IEB-USP.

Vez ou outra, na ânsia didática de persuadir meus alunos sobre a importância desse material histórico, através do qual se disseminaram, pelo Brasil, várias lições de literatura e de ética, costume dizer que Mário antecipou o “ensino à distância” neste país. Desse gesto profissional restaram inúmeros exemplos. Um deles, o próprio AC nos transmite em seu depoimento sobre o concurso. Depois de muita hesitação quanto ao assunto, AC consultou MA, que lhe sugeriu alguns tópicos, do mais imediato ao mais ambicioso. Ao reproduzi-los em seu artigo, AC escancara a generosidade intelectual do poeta e crítico da Lopes Chaves, além de colocá-lo em posição invejável quanto ao conhecimento extenso de nossa trajetória literária. Porque o roteiro itemizado que MA organiza, composto de dez tópicos, vai do pontual ao genérico, do técnico ao histórico, do estético ao social, do erudito ao popular, do bibliográfico ao arquivístico, do temático à artesanaria, sem preconceitos. Nele, MA não se limita a sugerir temas, de modo econômico, mas dissecar alguns, deles oferecendo ângulos pertinentes como um orientador profissional, cauteloso e sem alamares. Mesmo admitindo suas idiossincrasias pessoais, MA concentra-se nos séculos 19 e 20, séculos decisivos na formação de nossa literatura, superada a fase colonial. Mesmo que o final do 18 não compareça na

² Afonso Arinos de Melo Franco. *A alma do tempo. Memórias. Formação e mocidade*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1961, p. 416.

lista preparada por Mário, não estaria nesse roteiro utilitário um dos germes do clássico de AC? Não custa especular.

A escolha final, urgida pela premência do tempo, recaiu sobre Sílvio Romero e se materializou em ensaio sobre seu método crítico, publicado, como tese universitária, em 1945. Nesse salvo-conduto para a literatura, estrategicamente escolhido em função de leituras acumuladas, a intenção era a de formalizar um balanço intelectual, bem como a de sistematizar as coordenadas críticas que deveriam pautar o jovem candidato no ofício, já em pleno andamento através da crítica militante e paralelo à atividade do ensino universitário da Sociologia. Em suas próprias palavras, AC afirma que publicava *O método crítico de Sílvio Romero*, porque queria “marcar o ponto de partida das posições críticas a que cheguei, pois foi escrevendo esta tese que as defini pela primeira vez de maneira sistemática, após os primeiros anos de tateio em revistas e jornais, orientado apenas pela alegre confiança dos vinte anos e algumas ilusões que aqui superei, mas que até hoje me são atribuídas”.³

Foi, portanto, emulando seu objeto sergipano, que se ocupou igualmente da Sociologia e da Literatura, que AC apostou suas fichas em Romero, não sem antes deixar trilha aberta que abrigasse também José Veríssimo. Pois que é do feliz entroncamento da reflexão crítica de ambos – um, carregado de contextualismo; outro de imanentismo – que derivou a lição crítica que tanto beneficiou e ampliou os estudos literários deste país.

* * *

Em agosto deste ano de 2009 vai fazer cem anos que Euclides da Cunha foi assassinado, em circunstâncias novelescas. Sua entrada na Academia Brasileira de Letras, em 1906, foi um dos momentos mais candentes daquela instituição, porque o discurso de quem o recebeu, candente também, fazia um sumário da atitude mental e da produção intelectual brasileira do século que mal terminara. Foi desse discurso que saltou uma expressão, que não custou para se encravar no vocabulário daqueles que se ocupam de nossa inteligência. Foi o discurso de Sílvio Romero, que formulou a síntese do século anterior, ao dizer que, entre 1868 e 1878, *um bando de ideias novas esvoaçou sobre nós de todos os pontos do horizonte*. Foi o encontro pontual desses dois titãs de nossa cultura, que abriu a oportunidade para termos uma síntese de nosso histórico desmazelo social, em plena mentalidade do *Rio civiliza-se*, auto embevecida com as reformas urbanas de Pereira Passos. Euclides tinha feito a sua parte, em 1902, quando publicou *Os sertões*. Postado no centro geográfico da inteligência brasileira, Romero cumpria a sua, quatro anos depois, quando expunha, com forte carga retórica e dramática, as chagas que vinham nos acometendo:

³ Antonio Candido. *O método crítico de Sílvio Romero*. 2ª ed. São Paulo, USP-FFLCH, 1963, p. 11.

Não estamos no caso de ter academias de luxo, quando o povo não sabe ler; de ter palácios de Monroe, quando a maior parte da gente mora em estalagens e cortiços e as casas de pensão proliferam; e de ter avenidas à beira-mar e teatros monumentais, que vão ficar fechados, quando não temos fartas fontes de renda, quando a miséria é geral e quase todas as cidades e todas as vilas do Brasil são verdadeiras taperas...⁴

Até onde recua minha memória escolar foi Euclides da Cunha que me chamou às falas, no remoto ano de 1960, ainda estudante de colegial no Instituto de Educação de Assis (SP). Dessa etapa ainda me sobram os dois trechos que mais me seduziam na velha *Antologia Nacional* de Fausto Barreto e Carlos de Laet.⁵

Um deles ajustava-se muito bem àquela fase em que a adesão à literatura era provocada pela conduta nobre e exemplar dos personagens; o outro, porque convocava a ansiedade de justiça. Simétricos no gesto, mas inversos em seus atuantes, os dois calhavam muito bem àquele momento, quando o gosto não era mediado pela reflexão e a altivez era prerrogativa da idade. Um é português e chama-se a “Última corrida de touros em Salvaterra” de Rebelo da Silva; o outro é “O sertanejo” de Euclides da Cunha.

No primeiro, uma plateia de nobres portugueses assistia, estarelecida, à morte do Conde de Arcos, vitimado por um touro enfurecido. Na presença de D. José e de sua corte, o espetáculo de sangue se agiganta quando o rei ordena ao velho Marquês de Marialva, pai do Conde, que não descesse à arena para se vingar do filho. Do alto de seus anos encanecidos, o Marquês responde: *El rei manda nos vivos e eu vou morrer!*

No segundo, o agrupamento humano é muito distante da nobreza de sangue, mas muito hábil no tratamento com os animais. Aquele jeito *desgracioso, desengonçado, torto* do sertanejo escondia uma vitalidade fora do comum. De dentro daquela aparência frágil e grotesca, florescia um *centauro* bronco, capaz de enfrentar a agrura da terra e de domar a independência de garrote fujão.

Fascinava-me nos dois textos, percebo isso hoje, a empombada bravura moral do Marquês de Marialva, concorrente da bravura física de um sertanejo desconjuntado, com cara de boneco de engonço, nem um pouco parecido com meus heróis parrudos de HQ.

Por misteriosa coincidência, naquele ano de 1960, caía-me nas mãos um recorte de jornal inesperado, no qual se anunciava uma maratona intelectual euclideana, numa cidade paulista de que nunca tinha ouvido falar: São José do Rio Pardo. O recorte me chegara por intermédio de uma das colegas de curso, sempre disposta à solidariedade e à provocação. Li-o de cabo a rabo e já me embatucou o enunciado geral: *Biobibliografia de Euclides da Cunha*. Por melhor que fosse aquela escola, ainda estadual, sabia, de antemão, que não poderia contar muito

⁴ Sílvio Romero. “Discurso de recepção do acadêmico Euclides da Cunha”. In: *Discursos acadêmicos*. Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras, 1965, v. 1, p. 258.

⁵ Fausto Barreto; Carlos de Laet. *Antologia nacional*. 36ª ed. São Paulo, Livraria Francisco Alves, 1959, p. 209.

com retaguarda pedagógica. Como fazer, então, para destrinchar aqueles tópicos, que exigiam uma preparação muito superior aos meus limites de então?

A solução era simples e quase doméstica, resolvia Maria Aparecida Campos, a mesma colega que me provocara. *Vizinho da minha casa tem um professor da Faculdade. Por que você não procura ele?*

Equipado com a ousadia de um capiau adolescente, não hesitei e fui procurar o Professor Antonio Candido, que já conhecia um pouco de vista, dado que a Faculdade de Assis era um território que não se fechava à cidade, mas também não se abria sem medidas, porque dispunha de referências próprias, bem diferentes das locais. Tratava-se de um novo padrão de convívio social instalado naquela cidade a partir de 1958. Aos atentos e sequiosos, a Faculdade começava a ensinar muito além das Letras, às quais fora destinada, no seu projeto inicial.

De forma atrevida, pedi; de forma cortês, como sempre, AC me ajudou. Num começo daquelas tardes ensolaradas da cidade, ouvi um recado objetivo: *Esteja amanhã aqui por volta das 14 horas*. Era a primeira vez que ouvia alguém dizer *14 horas* em vez de *duas da tarde*! Era o capiau aprendendo.

No dia seguinte, pontual e curioso, subi a ladeira até o antigo Colégio Santa Maria, domicílio provisório da Faculdade, onde me esperava AC, impecável em seu jaleco branco. Com gentileza profissional e poucas palavras, ali mesmo no saguão de entrada do prédio, entregou-me duas folhas de papel jornal, nas quais estavam destrinchados os pontos que me intrigavam. Perdeu-se a lista com os enunciados originais na gula do tempo, mas não se perderam essas duas folhas de papel jornal, guardadas com carinho desde 1960. Só bem mais tarde é que entendi que tinha sido beneficiado, muito remotamente, por uma atitude pedagógica que remontava aos anos 40 e que viria a ser revelada anos depois.

Sem tirar, nem pôr, ei-las:

Em transcrição que facilite a leitura, temos:

1. Fazer um resumo dos dados biográficos e a lista dos livros, sabendo o essencial sobre o conteúdo.
2. Pensar nos “temas” dos seus livros, voltados sempre para o estudo apaixonado de um problema brasileiro: campanha de Canudos, problema da Amazônia, etc. E notar que não escreve com interesse descritivo ou apenas verificativo; mas com nítida intenção de chamar a atenção do país, abrir caminho às soluções, etc. Um nacionalismo pessimista, que nada tem de eufórico nem de idílico, mas que se manifesta como “agonia”, como drama de consciência dum brasileiro em face dos nossos problemas.
3. Fazer um levantamento dos tipos descritos: jagunço, fanático, militar. Mostrar como os personagens existentes que põem em cena servem sempre para chegar a um “tipo”, isto é, a um paradigma que exprime menos a individualidade que a situação social que a cerca.
4. Lembrar que nos Sertões há um predomínio da visão geográfica, pois o meio físico é o fator do isolamento social, e este é a explicação do comportamento dos homens. É o determinismo geográfico, que todavia completa pelos fatores históricos. Ver o estudo breve que faz da penetração das bandeiras e o isolamento das populações nordestinas. Também no estudo sobre a Amazônia (em *À Margem da História*). Ver em *Contrastes e Confrontos* o estudo “Da Maioridade à República” para uma interpretação da nossa evolução histórica.
5. Euclides escreveu a primeira grande monografia sobre um fato contemporâneo do ponto de vista dos fatores do meio, sendo um dos fundadores da nossa sociologia. Caracterizou certos fatos interessantes, mas a interpretação que deu é em parte superada. Veja-se o que diz sobre o comportamento anormal das

multidões, a psicologia mórbida dos fanáticos, etc. Descreveu na 2ª parte dos Sertões (O Homem) a sociedade rústica do nordestino, nos seus usos, costumes, temperamento. Mostrou claramente um dos elementos básicos da nossa sociedade: a oposição entre o interior e o litoral do ponto de vista da civilização.

6. Este estudo se liga muito ao último, e pode ser feito conjuntamente. Mostrar que os dados da realidade são por ele “transfigurados”, deformados pela imaginação, até alcançar uma escala de grandeza que os aproxima do universo da poesia. Esta está sobretudo na sua visão da realidade.

7. Consultar os dois volumes da coleção Brasileira. Quais foram os seus principais correspondentes? Como se apresenta nas cartas? Menos tenso? Familiar? Preocupado consigo? Com o seu país? Com a sua obra? Qual o perfil que pode traçar de Euclides através das cartas?

8. Trata-se de contar o assunto do livro, referindo-o aos acontecimentos históricos, expondo também a sua estrutura (meio, homem, fatos).

9. Contar como foi mandado a Canudos, como foram surgindo os artigos, onde elaborou depois o livro, refundindo estes e outros materiais, quais foram os autores que o influenciaram (Buckle, Taine) ou que lhe forneceram dados (Derby, Teodoro Sampaio).

Artigo de Aroldo de Azevedo sobre a Geografia de Euclides, Revista da Associação dos Geógrafos Brasileiros.

Artigo de Wilson Martins sobre o estilo dos Sertões em Anhembi.

Hoje, parece que foi Euclides meu nume mais remoto, pois foi a partir dessa data que, sendo livre a escolha dos temas, minha preferência recairia sobre o social: Aluísio Azevedo, Simões Lopes Neto, Rachel de Queiroz, Ascenso Ferreira, Mário de Andrade, Zé Lins do Rego e outros. Autores que foram vítimas de minhas análises precárias e mecanicistas, sem dúvida, mas que me impeliram à História, à Antropologia e à Sociologia, ao lado das leituras de cunho mais estético.

Da XXI Maratona Intelectual Euclidiana restou pouco. Um diploma bem conservadinho e assinado por Arivélcio Padilha, diretor da Casa de Euclides da Cunha de São José do Rio Pardo; um recado displicente do Diretor do Instituto de Educação de Assis para que fosse apanhá-lo, meio amarfanhado, na secretaria da escola, perdido naquela papelada; um pífio sétimo lugar.

O prêmio maior, no entanto, já me fora entregue, bem antes do resultado final. Mas só percebi isso bem depois.